

DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM

CIC 164: a fé pode ser posta à prova

164 Por enquanto, porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2 *Cor* 5, 7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1 *Cor*, 13, 12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.

CIC 272-274: só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da Providência

272 A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição do seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1 *Cor* 1, 24-25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (*Ef* 1, 19-22).

273 Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se nas suas fraquezas, para atrair a si o poder de Cristo¹. Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que «a Deus nada é impossível» (*Lc* 1, 37) e pôde proclamar a grandeza do Senhor: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; 'Santo' – é o seu nome» (*Lc* 1, 49).

274 «Portanto, nada é mais próprio para firmar a nossa fé e a nossa esperança do que a convicção, profundamente arraigada nas nossas almas, de que nada é impossível a Deus. Tudo o que (o Credo) seguidamente nos proporá para crer, as coisas maiores, as mais incompreensíveis, bem como as mais sublimes e mais acima das leis ordinárias da Natureza, basta que a nossa razão tenha a ideia da onipotência divina para as admitir facilmente e sem hesitação alguma»².

¹ Cf. 2 *Cor* 12, 9; *Fl* 4, 13.

² CatRom I, 2, 13, p. 31.

**CIC 671-672: nos tempos difíceis,
cultivar a confiança porque tudo está submetido a Cristo**

- 671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc 21, 27*)³ pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal⁴, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido⁵, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»⁶. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia⁷, para que se apresse o regresso de Cristo⁸, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap 22, 20*)⁹.
- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel¹⁰, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas¹¹, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho¹²; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»¹³ e pela provação do mal¹⁴, que não poupa a Igreja¹⁵ e inaugura os combates dos últimos dias¹⁶. É um tempo de espera e de vigília¹⁷.

CIC 56-64, 121-122, 218-219: história de alianças, o amor de Deus por Israel

- 56** Desfeita a unidade do género humano pelo pecado, Deus procurou imediatamente salvar a humanidade intervindo com cada uma das suas partes. A aliança com Noé, a seguir ao dilúvio¹⁸, exprime o princípio da economia divina em relação às «nações», quer dizer, em relação aos homens reagrupados «por países e línguas, por famílias e nações» (*Gn 10, 5*)¹⁹.
- 57** Esta ordem, ao mesmo tempo cósmica, social e religiosa, da pluralidade das nações²⁰, destinava-se a limitar o orgulho duma humanidade decaída, que,

³ Cf. *Mt 25, 31*.

⁴ Cf. *2 Ts 2, 7*.

⁵ Cf. *1 Cor 15, 28*.

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁷ Cf. *1 Cor 11, 26*.

⁸ Cf. *2 Pe 3, 11-12*.

⁹ Cf. *1 Cor 16, 22; Ap 22, 17*.

¹⁰ Cf. *Act 1, 6-7*.

¹¹ Cf. *Is 11, 1-9*.

¹² Cf. *Act 1, 8*.

¹³ Cf. *1 Cor 7, 26*.

¹⁴ Cf. *Ef 5, 16*.

¹⁵ Cf. *1 Pe 4, 17*.

¹⁶ Cf. *1 Jo 2, 18; 4, 3; 1 Tm 4, 1*.

¹⁷ Cf. *Mt 25, 1-13; Mc 13, 33-37*.

¹⁸ Cf. *Gn 9, 9*.

¹⁹ Cf. *Gn 10, 20-31*.

²⁰ Cf. *Act 17, 26-27*.

unânime na sua perversidade²¹, pretendia refazer por si mesma a própria unidade, à maneira de Babel²². Mas, por causa do pecado²³, quer o politeísmo quer a idolatria da nação e do seu chefe são uma contínua ameaça de perversão pagã a esta economia provisória.

- 58** A aliança com Noé permanece em vigor enquanto durar o tempo das nações²⁴, até à proclamação universal do Evangelho. A Bíblia venera algumas grandes figuras das «nações», como «o justo Abel», o rei e sacerdote Melquisedec²⁵, figura de Cristo²⁶, ou os justos «Noé, Danel e Job» (*Ez* 14, 14). Deste modo, a Escritura exprime o alto grau de santidade que podem atingir os que vivem segundo a aliança de Noé, na expectativa de que Cristo «reúna, na unidade, todos os filhos de Deus dispersos» (*Jo* 11, 52).
- 59** Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (*Gn* 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (*Gn* 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (*Gn* 12, 3)²⁷.
- 60** O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito²⁸, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja²⁹. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes³⁰.
- 61** Os patriarcas, os profetas e outras personagens do Antigo Testamento foram, e serão sempre, venerados como santos em todas as tradições litúrgicas da Igreja.
- 62** Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egito. Concluiu com ele a aliança do Sinai e deu-lhe, por Moisés, a sua Lei, para que Israel O reconhecesse e O servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo Juiz, e vivesse na expectativa do Salvador prometido³¹.
- 63** Israel é o povo sacerdotal de Deus³², sobre o qual «foi invocado o Nome do Senhor» (*Dt* 28, 10). É o povo daqueles «a quem Deus falou em primeiro lugar»³³, o povo dos «irmãos mais velhos» na fé de Abraão³⁴.

²¹ Cf. *Sb* 10, 5.

²² Cf. *Gn* 11, 4-6.

²³ Cf. *Rm* 1, 18-25.

²⁴ Cf. *Lc* 21, 24.

²⁵ Cf. *Gn* 14, 18.

²⁶ Cf. *Heb* 7, 3.

²⁷ Cf. *Gl* 3, 8.

²⁸ Cf. *Rm* 11, 28.

²⁹ Cf. *Jo* 11, 52; 10, 16.

³⁰ Cf. *Rm* 11, 17-18. 24.

³¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 3: AAS 58 (1966) 818.

³² Cf. *Ex* 19, 6.

³³ *Sexta-Feira da Paixão do Senhor, Oração universal VI: Missale Romanum*, editio typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1975, p. 254 [a tradução oficial portuguesa omite este particular: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 259.267].

³⁴ JOÃO PAULO II, *Discurso na sinagoga durante o encontro com a comunidade hebraica da cidade de Roma* (13 de Abril de 1986), 4: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX/1, 1027.

- 64** Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens³⁵, e que será gravada nos corações³⁶. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades³⁷, uma salvação que abrangerá todas as nações³⁸. Serão sobretudo os pobres e os humildes do Senhor³⁹ os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança⁴⁰.
- 121** O Antigo Testamento é uma parte da Sagrada Escritura de que não se pode prescindir. Os seus livros são divinamente inspirados e conservam um valor permanente⁴¹, porque a Antiga Aliança nunca foi revogada.
- 122** Efectivamente, «a “economia” do Antigo Testamento destinava-se, sobretudo, a preparar [...] o advento de Cristo, redentor universal». Os livros do Antigo Testamento, «apesar de conterem também coisas imperfeitas e transitórias», dão testemunho de toda a divina pedagogia do amor salvífico de Deus: neles «encontram-se sublimes doutrinas a respeito de Deus, uma sabedoria salutar a respeito da vida humana, bem como admiráveis tesouros de preces»; neles, «em suma, está latente o mistério da nossa salvação»⁴².
- 218** No decorrer da sua história, Israel pôde descobrir que Deus só tinha uma razão para Se lhe ter revelado e o ter escolhido, de entre todos os povos, para ser o seu povo: o seu amor gratuito⁴³. E Israel compreendeu, graças aos seus profetas, que foi também por amor que Deus não deixou de o salvar⁴⁴ e de lhe perdoar a sua infidelidade e os seus pecados⁴⁵.
- 219** O amor de Deus para com Israel é comparado ao amor dum pai para com o seu filho⁴⁶. Este amor é mais forte que o de uma mãe para com os seus filhos⁴⁷. Deus ama o seu povo, mais que um esposo a sua bem-amada⁴⁸; este amor vencerá mesmo as piores infidelidades⁴⁹; e chegará ao mais precioso de todos os dons: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único» (*Jo* 3, 16).

³⁵ Cf. *Is* 2, 2-4.

³⁶ Cf. *Jr* 31, 31-34; *Heb* 10, 16.

³⁷ Cf. *Ez* 36.

³⁸ Cf. *Is* 49, 5-6; 53, 11.

³⁹ Cf. *Sf* 2, 3.

⁴⁰ Cf. *Lc* 1, 38.

⁴¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 14: AAS 58 (1966) 825.

⁴² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 15: AAS 58 (1966) 825.

⁴³ Cf. *Dt* 4, 37; 7, 8; 10, 15.

⁴⁴ Cf. *Is* 43, 1-7.

⁴⁵ Cf. *Os* 2.

⁴⁶ Cf. *Os* 11, 1.

⁴⁷ Cf. *Is* 49, 14-15.

⁴⁸ Cf. *Is* 62, 4-5.

⁴⁹ Cf. *Ez* 16; *Os* 11.

CIC 839-840: a relação da Igreja com o povo judaico

839 «Aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão também, de uma de ou outra forma, ordenados ao povo de Deus»⁵⁰:

A relação da Igreja com o Povo Judaico. A Igreja, povo de Deus na nova Aliança, ao perscrutar o seu próprio mistério, descobre o laço que a une ao povo judaico⁵¹, «a quem Deus falou primeiro»⁵². Ao invés das outras religiões não cristãs, a fé judaica é já uma resposta à revelação de Deus na antiga Aliança. É ao povo judaico que «pertencem a adopção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas e os patriarcas; desse povo Cristo nasceu segundo a carne» (*Rm* 9, 4-5); porque «os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis» (*Rm* 11, 29).

840 Aliás, quando se considera o futuro, o povo de Deus da antiga Aliança e o novo povo de Deus tendem para fins análogos: a esperança da vinda (ou do regresso) do Messias. Mas a esperança é, dum lado, a do regresso do Messias, morto e ressuscitado, reconhecido como Senhor e Filho de Deus; do outro, a da vinda no fim dos tempos do Messias, cujos traços permanecem velados – expectativa acompanhada pelo drama da ignorância ou do falso conhecimento de Cristo Jesus.

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 16: AAS 57 (1965) 20.

⁵¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Nostra aetate*, 4: AAS 58 (1966) 742-743.

⁵² *Sexta-Feira da Paixão do Senhor, Celebração da Paixão do Senhor, Oração Universal VI: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 254 [Trad. oficial portuguesa: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 259.267].